
BRANCA DE NEVE: O CONTO DE FADAS E A MÍDIA

Eliana Aparecida Gaiotto de Moraes

*Faculdade de Ciências,
UNESP(Bauru).*

lee.gaiotto@hotmail.com

**Nome do Co-autor: Maria Angélica
Seabra R.Martins**

*Faculdade de Arquitetura, Artes e
comunicação, UNESP (Bauru).*

mangelica@faac.unesp.br

RESUMO

Ao analisar o contexto infantil e a literatura disponível para crianças na atualidade, observa-se um contato maior com as versões mais simplificadas e com maior apelo tecnológico, como as de Walt Disney, que amenizam o sentido, tirando-lhes o significado mais profundo.

Segundo Bettelheim (2007), a cultura dominante ignora o lado obscuro do homem, professando a crença em um inexistente aprimoramento otimista. As histórias modernas para crianças evitam os problemas existenciais, elementos decisivos para seu desenvolvimento psíquico e cognitivo, ignorando a principal mensagem do conto de fadas: a de que apenas lutando corajosamente contra o que aparentam ser desvantagens esmagadoras, é que se consegue encontrar sentido para a existência.

A recriação de Walt Disney dos contos de fadas tradicionais atende a interesses da mídia que visam à construção e manutenção do “sonho americano” de valorizar o esforço individual em busca da felicidade, recompensado pelo consumo de bens que possam tornar a vida mais amena e prazerosa. Assim, durante a Guerra Fria, quando os interesses capitalistas dos norte-americanos confrontam-se com os ideais socialistas dos soviéticos, o poder da imagem e da tecnologia utilizada pelas mídias em geral foi usado como arma de divulgação ideológica de grande impacto. Nesse contexto, Walt Disney estrategicamente surge como um colaborador do posicionamento político norte-americano.

Nesse mundo massificado pela indústria cultural, cujos interesses visam unicamente lucro, a criança se afastou dos contos de fadas originais, que lhe despertavam o raciocínio e a capacidade de analisar e encarar situações difíceis, mas necessárias a seu desenvolvimento. O objetivo deste trabalho é o de analisar as versões de “Branca de Neve” no conto dos Irmãos Grimm e na recriação de Walt Disney, observando-se a atuação da mídia no desenvolvimento infantil.

Palavras-Chave: contos infantis, indústria cultural, desenvolvimento infantil, mídia.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é o de analisar as versões de “Branca de Neve”, de Walt Disney, baseada no conto dos Irmãos Grimm e a do filme “Floresta Negra”, de 1997, produzido e dirigido por Michael Cohn, considerando-se a atuação da mídia no desenvolvimento infantil.

Observa-se que o poder da imagem foi usado de forma estratégica durante o século XX, com o desenvolvimento de mídias de grande impacto como a fotografia, o cinema, o rádio e a televisão. Com o avanço da tecnologia, a reprodução e o alcance das comunicações passaram a abranger, virtualmente, todo o mundo. Nos Estados Unidos sempre se valorizou o esforço individual em busca da felicidade, recompensado pelo consumo de bens que pudessem tornar a vida mais amena e prazerosa, e por colaborar com o posicionamento político adotado pelos norte-americanos.

Outra questão a ser considerada é a de que, em um mundo massificado pela indústria cultural, cujos interesses visam unicamente lucro, a criança se afastou dos contos de fadas originais, que lhe despertavam o raciocínio e a capacidade de analisar e encarar situações difíceis, mas necessárias ao desenvolvimento do papel de cidadão integrado ao meio social.

Dessa forma, os indivíduos tornaram-se, sobretudo, consumistas, podendo ser manipulados para que escolhessem filmes, músicas, imagens que o mercado ambicionaria vender. Ao banalizar a cultura, a indústria cultural reduz seu potencial de desenvolvimento a uma perspectiva de diversão e entretenimento absolutos, os quais passam a ser consumidos e descartados.

O conto de fadas clássico dos irmãos Grimm foi o ponto de partida para que Disney desenvolvesse sua criação. “Branca de Neve e os sete anões” estreou nos cinemas em 1937, conquistando o mundo inteiro. Premiado com um OSCAR® especial da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, o filme deu início à tradição Disney de produção de longas-metragens animados absolutamente encantadores, com narrativas dinâmicas e uma animação inusitada.

DISNEY VS IRMÃOS GRIMM

A história começa quando a invejosa madrasta de Branca de Neve consulta seu espelho Mágico e se enfurece ao descobrir que a beleza da jovem princesa é superior a sua. Branca de Neve, para salvar sua vida, é obrigada a fugir e a embrenhar-se na floresta, deixando para trás seus sonhos. Abrigando-se em uma casinha no coração da floresta, muda a vida de sete anões que trabalham em uma mina de diamantes. No conto original dos Irmãos Grimm, os anões não possuíam nomes nem personalidades específicas, porém na versão de Disney, seus nomes foram escolhidos de acordo com suas características: Dunga, Soneca e Dengoso eram nomes simpáticos e engraçados, não apresentando, dentro do contexto da história, nenhuma indicação de que Dunga não possa ou não saiba falar. Atchim tinha esse apelido devido a seus fortes espirros; Feliz era um contraponto perfeito para Zangado; Mestre foi escolhido por ser o líder do grupo porque transmitia a ideia de um ser amigável, em uma posição de autoridade. Entretanto, nem toda devoção de seus novos amiguinhos pode salvar Branca de Neve dos efeitos do feitiço da rainha, que impregnou de veneno uma maçã oferecida à jovem.

Outras mudanças ocorreram na passagem do livro para o filme, como as diversas tentativas da Rainha em matar Branca de Neve, reduzida a apenas uma na versão de Walt Disney. Nos contos de Grimm, o príncipe pede aos anões para que levem o caixão da princesa para seu castelo. No caminho, os serviçais que carregam o ataúde tropeçam em uma pedra e, com o impacto, a maçã envenenada é arremessada para fora da garganta da princesa. Na versão de Disney, o final foi escrito de maneira diferente: o encanto da maçã envenenada poderia ser quebrado apenas pelo primeiro beijo de amor, sendo exatamente o que acontece, quando o príncipe encontra Branca de Neve morta em seu esquife de ouro.

Os contos de fadas podem representar histórias lúdicas, com mensagens positivas, belos cenários, além do tradicional final feliz. É importante observar-se que mesmo uma obra infantil pode ter potencial para um bom filme. Porém é preciso ressaltar que os contos de Grimm tinham um cunho social, em que as pessoas bondosas são premiadas e as maldosas são castigadas com rigor, como acontece com a madrasta, que é obrigada a calçar pantufas de ferro em brasas e a dançar até cair morta no chão. Isso ocorre porque esses contos foram compilados da tradição oral da Alemanha luterana, onde eram contados por adultos e para adultos, tanto por homens como por mulheres e de geração em geração. Em uma época em que não existia o que hoje se deno-

mina infância, as crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, compartilhando de processos naturais como nascimento, doença, morte, festas, guerras e participando das tradições culturais comuns. Isso passou a mudar somente quando a infância surge como instituição econômica e social e no âmbito pedagógico e cultural, segundo Zilberman (1985). Foram os Irmãos Grimm que dedicaram às crianças os contos de fadas unindo, assim, dois universos: o popular e o infantil.

FLORESTA NEGRA E BRANCA DE NEVE

Uma análise do filme “Floresta Negra” evidencia tratar-se de uma versão completamente diferente da versão de Walt Disney, pois o cenário é sombrio e envolve personagens mais rudes e até cruéis; alguns eram condenados foragidos, que haviam perdido a família nas cruzadas e foram obrigados a roubar e a matar por não se adequarem à sociedade, o que também ocorre na versão dos Irmãos Grimm. O verossímil reside no fato de que, no contexto histórico em que está inserida, em que as histórias eram narradas oralmente, seguindo a tradição, tanto por homens quanto por mulheres provenientes de uma classe social menos favorecida, esses contos refletiam a condição do trabalhador servil. Por isso, quando havia castigos nessas histórias, ocorriam de forma exemplar, sendo rigorosos aos que agissem de má fé.

O filme “Floresta Negra” apresenta história análoga à de Branca de Neve. Na época das Cruzadas, um nobre viúvo com uma filha adolescente decide voltar a se casar, desconhecendo o fato de que sua nova esposa praticava bruxaria. Lilliana é o nome da Branca de Neve de Cohn, que não é agradável e indefesa, como a personagem da animação de Walt Disney, mas esnobe, egoísta, orgulhosa e importuna; enfim, o retrato da adolescente rebelde. A rainha, representada por Sigourney Weaver, é uma vilã cruel e elegante, que a princípio parece gostar da enteada e querer seu bem; porém, com o passar do tempo, a hostilidade de Lilliana, a perda do bebê e o medo de envelhecer enquanto a enteada está em plena juventude parecem conduzi-la a um processo de enlouquecimento em que, em meio a alucinações e feitiços, transfere para a garota a origem de seus males, passando a querer sua morte. A partir dessa descrição, a versão da Branca de Neve de Walt Disney será apenas uma leve lembrança dentro dessa nova produção, que consegue ter vida própria, além do propósito infantil.

O roteiro do filme é assinado pela dupla Thomas E. Szollosi e Deborah Serra, baseado no conto original dos Irmãos Grimm, e parte do sucesso da produção se deu por realmente criar um trabalho diferente do original. Além da história, os cenários também são uma atração à parte, apresentando a floresta em que ocorrem trechos da trama como escura e sinistra, além do castelo também possuir um ar sombrio. No final, o filme volta a lembrar a versão de Walt Disney, não se distanciando da mensagem de que o bem vence o mal, após Liliana ter passado pelo percurso do herói, segundo Propp (1984), salvando a vida do próprio pai, além de, no confronto com antagonista, ter seu rosto cortado - mais uma das marcas do herói apontada por Propp.

A diferença das produções foi o caminho escolhido pela direção dentro de cada uma das propostas de linguagem dos filmes, gerando resultados bem diferentes. Dialogando com o cotidiano, a versão de Cohn remete tanto ao contexto da época (Idade Média), quanto também se aplica à realidade do mundo atual, em que ocorrem situações de violência cada vez mais frequentes contra as crianças, conforme relata a mídia, retrato de um mundo muitas vezes hostil, bem diferentes da proposta de mundo perfeito e escapista de Disney.

INFLUÊNCIA DA MÍDIA

A influência da mídia fez prevalecer entre os pais uma crença de que a criança deva ser separada de suas angústias amorfas e inomináveis, de suas fantasias caóticas, raivosas ou violentas, uma vez que só a realidade consciente ou imagens agradáveis e otimistas lhe deveriam ser apresentada. No entanto, isso não permite que ela saiba que a fonte da falta de sucesso está na própria natureza, presente na disposição de todos os homens para agir de forma agressiva, anti-social e egoísta, por raiva e angústia. (BETTELHEIM, 2007)

Nesse sentido, a mídia pode trazer prejuízos bastante significativos para o desenvolvimento psico-social e cognitivo da criança, uma vez que gera a construção de representações da realidade quase sempre orientadas pela lógica do capitalismo e desprovidas de preocupações pedagógicas.

Não se pode ignorar, entretanto, que a mídia transformou-se em um fato social, pois é através dela que a criança recebe seus ensinamentos e informações sobre o mundo; dessa forma, inicia-se o processo de socialização antes mesmo que a escola te-

nha oportunidade de fazê-lo. No Brasil, a influência midiática torna-se ainda mais poderosa, devido à existência de um sistema educacional precário que possibilita, em muitas ocasiões, que a televisão tenha o poder “soberano” de informar, educar e distrair, sem um público capaz de questionar.

Além da ideologia veiculada pela mídia há a redução da capacidade de imaginação e criação da criança, que passa a reproduzir discursos e comportamentos pré-estabelecidos. Dessa forma, investe-se na cultura do “ter” em prejuízo do desenvolvimento do “ser”, e para se tornar digno da convivência social contemporânea, faz-se necessário consumir desde a mais tenra idade produtos da indústria cultural midiática.

Os contos de fadas são constituídos de mensagens subliminares e ideologias que só podem ser notadas a partir de uma leitura minuciosa e uma análise reflexiva. Através dessa leitura crítica sobre os conteúdos infantis e a partir da decodificação das mensagens, observa-se que a ideologia está presente tanto no filme de Walt Disney, quanto em “Floresta Negra”, cada um representando o ideário de seus autores e o contexto de época, uma vez que não há como escrever com neutralidade, pois o enunciador sempre deixa suas marcas no discurso. A ideologia é interpretada de acordo com o histórico e com o simbólico. O trabalho da ideologia é produzir evidências que o homem imagina a partir de sua existência, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, segundo Orlandi, (2009).

Na escola as crianças ouvem a história ou assistem ao filme, sendo poucas vezes estimuladas a responder a algumas perguntas referentes à história, como e quais são os personagens principais, o que aconteceu com a personagem principal etc. Geralmente esse trabalho se refere à interpretação textual. Sobre o tema apresentado em Branca de Neve, pode-se questionar os alunos sobre por que os contos de fadas sempre trabalham com princesas, reis e rainhas; por que as crianças gostam tanto desse gênero de histórias, que envolvem castelos, bruxas, fadas e princesas; se já conhecem a história; o que encontraram de mais interessante na história; se mudariam seu final, além de discutir quais aspectos tratados foram mais observados, com o intuito de desenvolver a imaginação da criança.

Existe a necessidade de trabalhar com os alunos o contexto histórico dos contos, pois assim as crianças podem compreender a classe social retratada na história e o que acontece com núcleo similar hoje, questionando quem eram os reis e rainhas naquela época, e por quem essa classe social seria representada na atualidade, indagar se eles fazem parte desse núcleo e por que os contos de fadas retratam apenas esse seg-

mento social. Se a educação escolar deve ser unida à vida, é fundamental que se aprenda em sala de aula a manter um posicionamento crítico com relação ao que é apresentado nos contos de fadas e na mídia, analisando e decodificando as mensagens subjacentes aos filmes e aos contos de fadas, com o objetivo de refletir sobre a influência dos mesmos na vida de cada ser humano.

Dessa forma, os professores poderão apropriar-se dos contos de fadas como uma potente ferramenta educacional, que pode ser utilizada para se trabalhar ideologias, preconceitos e comportamentos, tornando a criança mais perspicaz. O que acontece geralmente é um trabalho superficial sobre o assunto.

CONCLUSÃO

Branca de Neve é um filme conhecido como um dos clássicos da Disney. Fez sucesso pela história agradável, capaz de encantar toda a família, personagens marcantes e o excelente trabalho de animação, feito a mão, na longínqua década de 30. Visto hoje, Branca de Neve não perdeu em nada do seu brilho e encanto e consegue ficar muito acima de várias produções de animação atuais, embora as características que trabalhem o desenvolvimento psico-cognitivo das crianças tenham sido negligenciadas por Disney de acordo com a ideologia que adotou.

Entretanto, não se pode esquecer que as histórias infantis devem prender a atenção dos pequenos, entretê-los e despertar sua curiosidade para enriquecer sua vida e estimular sua imaginação, auxiliando-os a desenvolver o intelecto, de maneira a que possam tornar claras suas emoções. Dessa forma a criança é colocada em harmonia com suas necessidades e aspirações, reconhecendo suas dificuldades, ao mesmo tempo, em que lhes são sugeridas soluções para os problemas que a perturbam. Também deve ser estimulada, para que tenha confiança em si mesma e em seu futuro. (BETTELHEIM, 2007)

Cabe à escola e aos pais estimular atividades de criação que recuperem a paralização cultural e cognitiva sugerida pela mídia sem, entretanto, excluí-los enquanto possibilidade de construção consciente da ludicidade. Quando há esclarecimento quanto ao conteúdo e intencionalidade das mensagens veiculadas pela mídia, os meios de comunicação podem se tornar aliados e produzirem efeito real no processo educacional da criança.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**, Rio de Janeiro: LTC, 2006, p. 279.
- BETTELHEIM, B. **Psicanálise dos contos de fadas**, 21^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 437.
- CORSO & CORSO, **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed 2006, p. 326.
- GRIMM, J. **Os Contos de Grimm**, São Paulo: PAULUS, 1989, p. 288.
- MORAES, D.(org.) **Sociedade midiaticizada**. Mauad Editora, Rio de Janeiro, 2006, p. 246.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009, p. 100.
- ZILBERMAM, R. **Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1985, p. 235.

Filmes:

- A Floresta Negra (EUA, 1997). **Titulo original:** (Snow White in Black Forest) **Direção:** Michael Cohn.
Elenco: Sam Neil, Sigourney Weaver, Monica Keena.
- Branca de Neve e os sete anões (EUA, 1937). **Titulo original:** (Snow White and the Seven Dwarfs),
direção: David Hand. **atores:** Adriana Caselotti, Harry Stockwell, Lucille La Verne, Moroni Olsen, Billy Gilbert, **produção:** Walt Disney.

Sites consultados:

- <http://team-rocket-brazil.forumeiros.com/classicos-f8/1937->
- <http://team-rocket-brazil.forumeiros.com/classicos-f8/1937-branca-de-neve-e-os-sete-anoes-t19.htm>
- <http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/det.asp?cod=51200&type=P>